

A VIDA EXTRAORDINÁRIA

MARIANO TENCONI BLANCO

(2018)

Tradução: Wallyson Mota e Malú Bazán.

A tradução e a publicação deste texto foram realizadas pelo Coletivo Labirinto como parte do CICLO DE LEITURAS ENCENADAS, que integra o projeto “HISTÓRIAS DE NOSSA AMÉRICA”, contemplado pela 35ª EDIÇÃO DA LEI DE FOMENTO AO TEATRO PARA A CIDADE DE SÃO PAULO.

CICLO DE LEITURAS ENCENADAS

A VIDA EXTRAORDINÁRIA

Dia 02 de dezembro de 2020 – 20h

Leitura feita remotamente via plataforma Zoom.

Ficha Técnica:

Dramaturgia: Mariano Tenconi Blanco (Argentina)

Direção: Lavínia Pannunzio

Tradução: Wallyson Mota e Malú Bazán

Elenco: Abel Xavier, Carol Vidotti, Fábía Mirassos e Wallyson Mota

Projeto Gráfico: Alexandre Caetano – Oré Design Studio

Assessoria de Imprensa: Pombo Correio

Assistente de Produção: Melina Marchetti

Produção: Carol Vidotti e Wallyson Mota

Realização: Coletivo Labirinto

www.coletivolabirinto.com.br

labirinto.contato@gmail.com

[@coletivo.labirinto](https://www.instagram.com/coletivo.labirinto)



PERSONAGENS

AURORA

BRANCA*

PRÓLOGO

0.

Nada. Absolutamente nada. Não havia espaço. Não havia tempo. Não havia nada. É impossível imaginar. Mas foi assim. Não havia nada de nada. Não era escuridão. Era o nada. E a partir do nada iniciou-se o Universo. Foi um acaso. Um instante de glória. Ou simplesmente um capricho. Um capricho do nada. E de repente uma grande explosão. Uma explosão inimaginável que durou um milionésimo de segundo. E em três minutos formou-se o universo. Leva mais tempo pra fazer um ovo cozido, do que o universo. Um universo que não tem limites, mas é finito. A gente não entende isso, mas é assim. E depois o universo esfriou. Também, como um ovo cozido. E surgiu o átomo. E logo apareceram umas nuvens gigantes que formaram as estrelas e as galáxias. Uma dessas estrelas era o Sol. E perto do Sol, alguns planetas. Um desses planetas, o planeta Terra. Explicar a origem da vida na Terra é ainda mais difícil. Alguns acreditam que foi na água. Que o processo pode ter levado milhões e milhões de anos. Mas a vida estava quimicamente destinada a ser. Outros acreditam que um meteorito trouxe substâncias que não existiam na Terra. Que a vida foi semeada na Terra por alienígenas inteligentes. E outros acreditam em Deus. Seja o que for que tenha dado início à vida, é o fato mais extraordinário da biologia. Talvez, o fato mais extraordinário que conhecemos. Aconteceu uma vez. Só uma vez. E a partir dali, nunca mais deixou de acontecer. Genética. E evolução. E tempo. Todo ser vivo é uma ampliação. Uma nova versão. Um remix. O que veio a seguir, é mais fácil. Ou mais ou menos. Alguma forma de símio bípede é nosso ancestral. Existem milhares de opções. Australopithecus, Homo erectus, Homo sapiens. De qualquer forma, ainda somos aquele macaco. Existem mais diferenças genéticas entre uma zebra e um cavalo, do que entre nós e um macaco. Um daqueles macacos conseguiu uma pedra. E assim começou a indústria. O progresso. As guerras. Enfim: a humanidade. Quantas coisas tiveram que acontecer para que nós pudéssemos estar aqui. Que enorme sucessão de acasos. Desde a criação do universo, até a quantidade de pessoas que tiveram que ter relações sexuais no momento exato, ou a quantidade de guerras, pragas, catástrofes naturais, acidentes domésticos, ditaduras militares, assaltos à mão armada, tentativas de suicídio tiveram que ser evitadas por milhares e milhares de anos por centenas de pessoas, para que nós, agora mesmo,

podéssemos estar aqui. A vida. A vida é uma, e a mesma. Somos familiares de tudo o que viveu e de tudo o que vive. De uma bactéria. De um inseto. De uma fruta. De tudo. Um mesmo truque genético transmitido de geração em geração por 4 bilhões de anos. Ter uma vida é um milagre. Existir. Cada momento transcendente e cada momento insignificante. Este segundo é um milagre. Este segundo é um milagre. Este segundo é um milagre. E assim, é tudo.

PRIMEIRA PARTE

1.

AURORA: Sempre odiei o simulacro que fazemos de nós mesmos. No entanto, aqui estou eu. Representando o drama de mim mesma. Eu tinha esquecido que a neve não é branca nem de algodão como meus alunos desenham. A neve é uma água gelada que enche tudo de lama. Não andamos nem cinquenta metros e já estou enlameada até os tornozelos. Além disso, João Carlos* me carrega pela mão e, longe de ajudar, anda patinando como um idiota, e então a peregrinação torna-se lenta e descompassada. Por mais que eu tenha dito à minha tia que eu preferia algo íntimo, ela convidou toda Ushuaia. Seu pai sempre foi o livreiro da cidade, Aurora, todos vão querer vir. Também, não tem tanta gente assim que leia nessa cidade, tia. Eu e minha ironia estúpida. E toda a cidade, até o prefeito, e João Carlos andando como um pinguim, e eu: o cortejo triste. Mas tá bom, pelo menos Branca Fierro, minha melhor amiga da vida toda. E sua mãe também. Eu caminho com um sentimento frio e feio como a neve de Ushuaia. Eu não choro. Vou chorar depois, o resto da vida. Eu caminho com um sentimento no peito, aqui, como uma asfixia, uma contenção. Como quando você é uma menina e testa quanto tempo consegue aguentar sem respirar debaixo d'água. Não consigo entender isso. Como pode ser que as pessoas morram? E eu? O que eu faço com o resto da minha vida sem meu pai? A morte é o pior da vida. Esses pensamentos estão prestes a me fazer chorar e eu quero me fazer de forte, então eu respiro, olho para cima e penso em outra coisa. Penso que em dois dias estarei de volta a Buenos Aires. O padre fala muito bem. Um amigo do nosso povo se vai, ele diz. As pessoas vêm até mim. Eu sinto muito. Você sempre foi a luz dos olhos dele. Como você cresceu. Todos sabem o que fazer. De repente a morte é isso: uma frase feita, algo que praticamos, uma trivialidade. E Branca se aproxima de mim e me olha nos olhos. E eu olho para ela. E ela pisca para mim, e esse é o gesto que meu pai sempre fazia pra mim, e então de repente eu entendo tudo, e surge aquilo que estava ali, ali. Tudo aquilo que esteve sempre ali, e que nunca mais vai estar. Minha infância. E então a abraço, faço força e não choro. Nenhuma catarse. Já não sou uma menina. Meu pai está morto para sempre.

2.

BRANCA: O dia começa agitado como sempre porque minha mãe me acorda aos gritos de que é tarde, Branca, é tarde. É minha mãe e eu a amo muito, mas de verdade, eu tenho que confessar que às vezes eu não tenho saco pra ela. Engole seu café porque já é tarde, ela me diz, e então eu tomo só um café sem nada e já saio um pouco fora do eixo pela pressa em sair e por não poder ter comido nada. Eu preciso comer alguma coisa a cada duas ou três horas porque senão eu fico de mau humor e ninguém mais me aguenta pelo resto do dia. Mas por outro lado, a verdade é que acabo de me dar conta que não estou pronta ainda para perder minha mãe. Não, não. Ainda não estou preparada, não. Talvez quando eu for adulta, lá pelos quarenta, talvez, não sei, talvez aí sim. Ou quando já tiver filhos. Isso sim. Se eu já tiver filhos, aí talvez sim. Mas agora não. Não dou conta. Por mais que às vezes, ela me dê muita raiva e me faça chorar, não quero que minha mãe morra. Neva, neva muito, como se o céu quisesse chorar porque também sente tristeza. Todo mundo adora o pai da Aurora por aqui. É que ele é um homem muito simpático. TODO O TEMPO estava fazendo novos amigos. Mas agora ele não poderá mais fazer novos amigos porque já se foi, não é? Que triste isso. Porque significa que haverá menos amizade no mundo. Certeza que quando uma pessoa morre e alguém diz que é uma grande perda, está se referindo a coisas como essa, a algo que se perde. A amizade torna o mundo melhor, e então quando morrem pessoas assim, então morrem pessoas que faziam o mundo melhor, então, de repente, o mundo é um lugar pior porque essas pessoas morreram. Eu, de qualquer jeito, vou preparada pra não chorar, para ajudar a Aurora que sei que prefere não chorar na frente de todo mundo, ela é mais de guardar os sentimentos, de guardar pra ela, ou pra mim, pra mim ela fala e chora, pra mim sim, mas na frente de todos não. Assim que entramos caminhando, a primeira pessoa que eu vejo entre as muitas que estavam lá, é ela. Está magra e linda como sempre foi, meio séria, mas firme, sim, e com um vestidinho bem bonito que eu fiz para ela – maravilhoso, na verdade-, e bem, está com João Carlos, que é um homem bom, mas... É, ele é um bom homem, sim. E nós vamos caminhando e ali estamos. E o padre fala e faz algumas orações e depois diz algo muito sábio, com certeza podemos dizer que foi a sabedoria de Deus que o inspirou, afinal o padre que nunca foi lá uma luz, o padre Estevão, de repente disse algo bonito, ele disse vai-se Osvaldo Cruz, vai-se um amigo do nosso povo. É verdade, pensei, Seu Osvaldo era amigo de todos. E depois, vão

cumprimentá-la, uma a uma, as vizinhas, que são todas clientes – nossa como eu as conheço bem. E minha mãe, entre as primeiras, ela sempre que morre alguém tá lá entre as primeiras. De qualquer forma, minha mãe gosta muito da Aurora, e do seu pai também, sempre dizia, o pai da Aurora que homem bom, não como o monstro que sobrou pra você, sempre dizia isso. E, de repente, se abre assim como um buraco, e lá estamos Aurora e eu olhando uma para a outra, ela me olha como desamparada, a ponto de chorar, e eu não sei o que dizer pra ela, e eu sou tão desajeitada que acabo fazendo assim, TIC, uma piscada de olho, é isso que eu faço, que idiota que eu sou, e ela me abraça e eu a abraço e choramos muito, eu, na verdade, eu choro muito. E eu ali no ouvido dela, bem pertinho para ela ouvir, digo que seu pai era muito simpático e muito bom amigo e você é muito boa amiga, então, enquanto você for uma boa amiga, seu pai vai estar vivo em você. Bom, de qualquer forma, talvez ela nem tenha me ouvido.

3.

AURORA: Temos que sair daqui a meia hora, João Carlos me diz. Antes de irmos eu quero ver o mar, digo a ele, e quando vejo que ele está procurando seu casaco como se estivesse perdido (os gestos de João Carlos são sempre um pouco confusos) eu digo NÃO, NÃO; prefiro ir sozinha. Isso é meu, digo a ele, assim faço ele cúmplice. Eu visto meu casaco e começo a andar. Nos últimos dois quarteirões mal consigo avançar; estou fraca, me desacostumei a Ushuaia, não sei. Avanço contra o vento sem saber por quê. O vento corta meu rosto, penso. Uma frase feita. Na verdade, o vento não corta meu rosto, gera em mim uma espécie de taquicardia; é como tomar uma ducha de água gelada. Mas, de repente, também sorrio. O vento forte me faz cócegas, me faz sentir viva. Ou me faz notar que eu pertencço mais a esse lugar, do que a qualquer outro. Até meu pai é o vento. E então fecho meus olhos e imagino que estou voando, que meu pai me conduz como antes, como sempre. Mas na verdade não. Nada disso. É simplesmente o vento que bate no meu rosto e eu sorrindo sem explicação. Como quase tudo. Porque sim. Nascer porque sim. Morrer porque sim. E entre uma coisa e outra, tudo. E tudo igual. Chego na beira do mar. Do mar azul. Azul como nada. Sem matizes. Puro azul. Preto de tão azul, branco, cinza. Ou apenas azul. O vento não me deixa escutar nada, mas também não tenho nada para escutar. De repente já não neva. Arbitariamente, ao

chegar à orla, o mar e a neve cessam, mas o vento não. É possível isso? À minha esquerda, bem longe, vejo uma mancha preta. Instantaneamente, penso: será petróleo; quem sabe. Desde menina, ouço dizer que aqui tem petróleo, que o que existe nas ilhas é por causa do petróleo; quem sabe. Caminho nessa direção. Em direção ao petróleo. De uma hora pra outra, é como se eu entendesse tantas guerras e tanta ambição, porque o petróleo parece uma espécie de montanha mágica, preta e brilhante. Tomei meu comprimido para os nervos, que João Carlos me deu, e quase não comi nada, talvez eu esteja alucinando. Estou a poucos metros e, para a minha surpresa, a primeira coisa que reconheço são dois olhos enormes, do tamanho de todo o meu corpo. Os olhos estão abertos e expressivos, calmos. Porém não existe vida. Nunca vi nada tão morto na minha vida. Mas, ao mesmo tempo, nunca vi tanta vida como naquela baleia morta. Compreendo algo. Tudo. Não sei o que é. Lá está ela. Lá estou eu. Estamos vivos. Sempre. Estamos mortos. Sempre. Eu a toco. Toco a baleia morta. A cumprimento, dou meus pêsames, dou alento, aguento, eu lhe digo oi. Quanta vida e quanta morte há em tudo. E não me refiro ao ciclo da vida. Não estou emocionalmente preparada para olhar pra isso pelo viés da biologia. Falo sobre um mamífero grande, como cinco casas todas juntas, morto à beira-mar no fim do mundo. Falo do desenrolar de toda aquela vida. Seu corpo enorme como um trem, molhado, e seus olhos abertos. Como se em toda aquela morte houvesse algo que ainda não morreu, algo infinito e inexplicável, algo que faz aquela baleia e eu, irmãs. De repente, sinto meu consolo. Choro. Sem qualquer outra intenção. O verbo puro. Chorar. Eu choro. Tenho vontade de abraçar aquele nobre animal. Há algo que eu compreendo agora, que eu não poderia explicar. Tudo é transitório e, ainda assim, definitivo. Esta baleia e eu vivemos neste país, neste momento. E meu pai também.

4.

BRANCA: Bom, vamos ver, vamos praticar para quando João Carlos te tirar pra dançar.

AURORA: Não, Branca. Nunca na minha vida vou ficar com João Carlos.

BRANCA: Mas não viu como arrasta a asa pra você. Está apaixonado.

AURORA: O João Carlos, é um bobão.

BRANCA: Boa noite, oh, Aurora, não gostaria de me conceder esta dança?

AURORA: Não, João Carlos. Você é um bobão.

BRANCA: Dança com o João Carlos, Aurora. Do contrário, você vai ficar sozinha e de pé o baile todo.

AURORA: Eu deveria ficar em casa lendo, ao invés de ir a esse baile idiota.

BRANCA: Você não pode só ler, você tem que viver, Aurora.

AURORA: Te concedo essa dança, João Carlos. Vamos ver.

BRANCA: Muito bem, Aurora, você acabou se revelando uma ótima dançarina de salão.

AURORA: Tá bom, Branca.

BRANCA: Devíamos praticar a conversa. Treinar o verbo, Aurora.

AURORA: Oi, João Carlos, o que você está lendo?

BRANCA: Não, Aurora. Comigo você fala sobre livros. Com João Carlos você tem que bancar a interessante, a inalcançável, misteriosa.

AURORA: Então tá, me mostra você. Ensaieemos. Eu sou o Alberto.

BRANCA: Ah não, não sei, tá.

AURORA: Olá Branca, mãezinha, tudo bem? Vem, vamos dançar na oficina, nós dois sem roupa.

BRANCA: Ah não, Alberto. Se situa. Dance comigo como um cavalheiro.

AURORA: Gosto muito de você, Branca.

BRANCA: Você também é um homem atraente, Alberto.

AURORA: Vamos ter filhos, Branca. Você me deixa louco, mãezinha.

BRANCA: Calma, Alberto. Eu sei que provoco paixões desenfreadas, mas você tem que se acalmar, sabe?

AURORA: Me beija todo, mãezinha.

BRANCA: Justamente, Aurora, falta praticar o beijo.

Beijar.

O beijo.

AURORA: Posso te beijar?

BRANCA: O que?

AURORA: Você já beijou o Alberto. Você sabe beijar. Me ensina. Me beija.

BRANCA: O que que você está dizendo, você me dar um beijo, nós duas?

AURORA: Beijar você. Sim.

BRANCA: Na boca?

AURORA: Sim.

BRANCA: De língua?

AURORA: Com a minha língua, sim.

BRANCA: Não, quer dizer, sim, você é muito bonita, uma senhorita muito bonita, sim, mas não, eu acho melhor não, não sei, acho que eu não, entende, que é melhor que eu não, Aurora, um selinho, sim, um beijo rápido nós podemos, sim.

AURORA: Eu estava brincando com você, Branca, como assim a gente se beijar.

BRANCA: Não, é, eu também.

Que tonta.

Tonta!

Você está aprendendo rápido demais, eu acho.

AURORA: Fazer o que.

BRANCA: Vou te mostrar o beijo.

AURORA: Tá bem, estou atenta.

BRANCA: Assim.

.

.

.

AURORA: Tudo isso, assim?

BRANCA: Sim. Vai lá.

AURORA: Não, já tá bom. Só com essa informação, já é o suficiente, obrigada.

BRANCA: Não, senhora. Você vem aqui e beija, você me ouviu.

AURORA: Não.

BRANCA: Sim. Sim.

Não, com mais vontade.

De novo.

Assim, assim, assim, bom, tá bom, tá bom.

AURORA: Obrigada, professora.

BRANCA: O que falta agora é mais atitude, Aurora. Você nunca vai beijar com essa cara de Virgem Santa.

AURORA: E você, santinha, com muito esforço deu um beijo no Alberto.

BRANCA: Que história é essa de beijo forçado, você sabe como nos beijamos, eu e o Alberto. É assim, litros de saliva, assim.

AURORA: Nojenta.

BRANCA: Tomara que agora no caminho pro baile, imagina, um preso fuja da prisão e nos mostre o pinto.

AURORA: Devem ser horríveis esses pintos roxos, como um dedo martelado, ali no meio das pernas.

BRANCA: Você não chuparia um?

AURORA: Por favor, você já viu quando um cachorro põe seu pinto pra fora, é nojento.

BRANCA: Mas não o de um cachorro, o de um homem. Um pau de homem. Ou um pau de mulher.

AURORA: Nós duas com pinto. Sim!

BRANCA: Olha o pinto da Branca, cor de rosa e em forma de triângulo, um pau enorme e estupendo, como uma flor de ceibo.

AURORA: Olha o pinto da Aurora, de cor dourada e em forma de retângulo, um pinto gracioso e extravagante, como um lingote de ouro.

BRANCA: Chupa meu pau, Aurora, vai.

AURORA: Chupa você meu pinto, Branca, olha, meu pinto é mais bonito.

BRANCA: Vamos chupar o pau uma da outra.

AURORA: Awawaw.

BRANCA: Owowow.

AURORA: Uwuuw.

BRANCA: Que bom seria ter um pau e não precisar desses trouxas, os caras são tão idiotas.

AURORA: Nós não precisamos de ninguém.

5.

BRANCA:

Ansiedade

Metto os coelhos na minha vagina. Os carneiros. As cabras. Metto minha cama, minha casa. Metto todas as roupas das clientes. Metto a Singer. Sim. A Singer na vagina. Funcionando. Eu metto a Singer ligada. Eu metto minha mãe. Sim. Na vagina. Metto todos os caras que eu gosto. Metto toda Ushuaia. A Igreja, a Prefeitura, a Praça. Eu a metto inteira. Ushuaia. Toda. Metto em mim todo o vento, toda a neve, tudo. Tudo na minha vagina. Metto em mim toda a Argentina. Não posso parar de meter coisas em mim.

6.

Ushuaia, 2 de agosto

Querida Aurora:

QUE FELICIDADE! QUE FELICIDADE, MEU DEUS!

Que notícia linda! Que alegria! Quer saber? Não estou me aguentando de alegria.

E o João Carlos? O que diz João Carlos?

Sabe o que eu pensei? Desculpa se achar triste, mas você sabe, Aurora, SEU PAI. Ficaria louco. Louco. Seu pai ficaria louco, Aurora. Eu também fico louca. Agora mesmo, estou ficando louca. Uma pessoa como você, só que pequenininha. Como você quando era pequena. Mas não. Porque além do mais é uma outra pessoa. Duas como você. O

mundo vai ser melhor. Quem dera, existissem dez como você. Ou cem. Mil. Ou o mundo todo!

Mas ainda não nasceu, nós sabemos. Temos que esperar mais sete meses. Que ansiedade. Imagino você, deve estar com o coração na boca. Porque você tem ele mais perto, dentro na verdade. Que venha logo, que venha logo! Com certeza você está assim. Mas não. Tem que esperar mais sete meses, Aurora. E tem que aproveitar, eu acho. Aproveitar esse momento de ser uma mulher grávida, que isso que você é agora, Aurora. Eu por aqui, não estou bem com o Alberto, não. São muitos anos já e é como se a gente não estivesse progredindo, não... Então é... Tá difícil... O frio glacial e o sol que se põe às quatro da tarde... Além disso, mamãe está doentinha. É o estômago dela. Parece que algo não está funcionando bem. Tomara que não seja nada. Ando preocupada... Enfim... Mando junto com essa cartinha um punhado de poemas que escrevi. Estou escrevendo muito bem, humildemente. Me manda seus poemas também, que já faz muito tempo que eu não leio você.

Posso te dizer mais uma coisa? Para mim, vai ser menino. É uma sensação muito forte que eu tenho aqui dentro do meu coração. Um homem. Como seu pai.

Ele te ama com toda a sua alma e ao bebê novo também.

Branca

7.

BRANCA: Você não imagina, Aurora, como o corpo de um homem pode ser estranho. E não digo isso por causa dos pelos, não, embora o Alberto, você não sabe, ele parece uma raposa, um pelo duro e áspero em suas mãos, as mãos ásperas, ele é forte mas de tamanho médio, como compactado, ele é duro, onde você tocar é duro, todo ele é duro, e eu pedi primeiro pra ele agarrar meus peitos e o Alberto apertava forte, como quando se procura um furo no pneu de uma bicicleta, assim, ele apertava forte, eu não gostava, não é como eu imaginava. Depois nos beijamos, ele tinha aquele gosto de charuto que é horrível, eu não queria mais beijá-lo, mas depois pensei melhor e disse, não, porque eu queria fazer, não aguentava mais esperar, eu sou assim, você sabe, me dá aquela ansiedade, desde que descobri que isso existia, não sei, aos doze, que já queria que acontecesse logo, assim eu já descobria o que é e pronto, mas já são quase seis anos

esperando, esperando, porque por mais que me explicassem, eu não conseguia entender como era de verdade. Bom, então eu disse, é melhor assim, disse, que meta em mim de qualquer jeito, assim eu descubro logo como é que é essa coisa do sexo, e então eu tirei tudo, porque ele é meio desajeitado e ia acabar estragando a minha roupa. O pau era grande e com um formato estranho na ponta, e preto, ou cinza, era cinza, e Alberto começou a meter em mim mas tava difícil, tava difícil, e teve uma hora que eu pensei, ui não me diga que não vamos fazer nada, pensei, e isso me dava um mal humor, então eu disse, e aí Alberto, disse assim, e aí Alberto, como dizendo, tá vendo, você é um trouxa, porque era dele o pau, não meu, mas ok, aí eu agarrei o pau e pulei em cima, forte, várias vezes, e de repente começou a entrar em mim, o pau, a entrar em mim e eu comecei a gostar, doía, e eu gritava, e Alberto respirava mais forte, hmmm hmmm, fazia assim, e até do Alberto respirando eu tava gostando, e o pau do Alberto entrava em mim e era como se revirasse meus órgãos, e dava pra sentir molhado lá dentro, como molhado de sangue e óleo, meu óleo, e uma sensação das pernas relaxando, e era como se lá dentro nos meus órgãos internos existisse uma atividade, algo que acontecia inteiramente dentro de mim, que o pau provocava, o pau em contato com o meu corpo todo, e de repente eu meio que olhei para o teto e senti que o teto se abria e o vento me levava voando e eu voava por toda a Ushuaia montada no pau cinza de Alberto, eu senti desse jeito, maravilhoso Aurora, você não sabe, mas bem, a fantasia foi interrompida, porque sinto o Alberto saindo de dentro de mim, e tirando o pauzinho pequeno, a metade de antes, e meio vermelho, ou marrom, era meu sangue, e o Alberto olha para mim e se limpa, acabei, me disse, acabei??, como se não quisesse repetir a sobremesa, acabei. Eu estava suja, mas não me dava nojo, pelo contrário. Eu sentia como se estivéssemos apenas começando. Assim que puder, vou experimentar fazer de novo.

8.

AURORA: Enfim se ninguém escolhe nascer mas outra pessoa escolhe sim ou seja sim alguém escolhe que a gente nasça não nascer mas que a gente nasça eu não entendo porque ele está indo tão rápido porque eu preciso chegar mas chegar inteira nós dois precisamos chegar inteiros como é que de repente alguém que você ama e que esteve

com você a vida toda vai embora vai pra onde vai pra onde aonde está aonde você está daria tudo pra que você estivesse aqui aqui comigo e com ele você sempre foi infinito você é tudo que eu sou você sempre me deu tudo ESTOU BEM SIM PODE FICAR TRANQUILO QUE VAMOS CHEGAR BEM e que rua é essa que estranho faz anos já que moro em Buenos Aires e sempre aparece uma rua que eu não conheço ou quem sabe é esse cara que está me enrolando não não não acho que não pois se eu tiver que parar dentro do carro é pior pra ele porque depois vai ter que parar para lavar o carro e vai ficar várias horas sem fazer corridas e todos estão pensando em dinheiro em como sobreviver é que acontece isso quanto custa uma pessoa para viver por dia quanto ela custa para estar viva a gente já nasce devendo dinheiro no vermelho a gente acorda e SIM SENHOR ESTOU CALMA por que esse homem está gritando com outros homens A-HÁ A-HÁ eu fico nervosa e me dá uma tremenda enxaqueca quando foi que comecei a ter essas enxaquecas é claro que minha cabeça dói muito porque é assim que é a cabeça não para não no cérebro tem sempre uma espécie de voz que fala comigo e talvez seja por isso que eu nunca estou completamente feliz porque sempre tem uma voz na minha cabeça que me diz como são lindas as letras dos cartazes de publicidade eu gostaria de saber desenhar essas letras ou desenhar pessoas como ela como essa garota desenha bem AH OLHA QUE MENINO LINDO QUE GRANDÃO que pena que ela tenha ficado ali costurando quanto talento desperdiçado, mas é que quando a gente é mulher sempre a minha barriga está doendo muito e o corpo todo espero que nasça saudável saudável saudável por favor que esteja bem que esteja tudo bem que lindo o sol é um dia de sol vou dizer pra ele João Manuel você nasceu em um dia de sol não consigo entender o outono não conseguiria suportar não sou tão generosa não sei talvez a gente diga uma coisa e depois faça outra a gente nunca sabe o que é capaz de fazer e penso e penso e sinto como se estivesse trancada dentro da minha cabeça mas que idiotices eu penso não só não estou trancada como tenho uma pessoa trancada dentro de mim ou seja tenho duas porque eu tenho uma pessoa que fala comigo e uma outra que é real ou três porque já pode ter uma pessoa dentro do meu bebê o bebê já pensa coisas que incrível que uma pessoa cresça dentro da gente inexplicável seria mais normal botar ovos sei lá outro método não andar por aí com uma pessoa com um ser humano dentro da gente crescendo e que de uma hora pra outra tiram ele de dentro de você como se nós fôssemos marcianos SIM EU ESTOU BEM NÃO PRECISA TER PRESSA, SABE? Estou

pensando besteiras ou talvez seja por medo será felicidade? será isso a felicidade que todos nós buscamos? de repente sai alguém de dentro de você e isso é a felicidade ou talvez não ou talvez sim mas tudo segue igual só que com a felicidade ali que é um filho seu e que será seu para sempre para sempre porque todos temos medo de ficar sozinhos e de repente existe alguém que vai te amar pra sempre que frio sinto nos dedos sobretudo nas mãos se eu tivesse que tocar alguma coisa eu não saberia como como se minhas mãos não fossem minhas espero que falte pouco já não aguento mais não aguento só consigo pensar nisso no bebê ahhh ele está saindo SENHOR EU NÃO AGUENTO MAIS, FALTA MUITO? dói dói dói estou muito nervosa dói POR ONDE PUDER SENHOR quem dera ele estivesse lá para me abraçar ou ela e que me dessem um abraço é isso que no final te abracem dar à luz é a coisa mais animal que um ser humano pode fazer dói dói e essa cabeça que não para que medo disso tudo de tudo sim.

9.

AURORA:

Ulisses

Eu tenho um cachorro.

Seu nome é Ulisses.

Não foi ideia minha.

Meu marido o trouxe.

Me disse que quem pediu foi meu filho João Manuel.

"Quero um uau uau."

Mas eu sei que foi ideia do meu marido.

Eu não queria recebê-lo, mas finalmente o aceitei.

E agora esse cachorro se faz indispensável pra mim.

Ele olha como de perfil.

Ou cheira o ar.

Sua existência em estado bruto.

Seu mundo abundante.

Este cachorro é minha fonte de energia.

Ele é a eletricidade
e eu a lâmpada que ilumina a casa.
Ele me ajuda na catástrofe cotidiana.
Ulisses é meu amor deste ano.
Ele é o verdadeiro puro.
O tudo e o nada.
A não metáfora.
Eu às vezes sou um pouco melodramática.
Ele simplesmente vive.
Então agora estou de pé.
E digo Ulysses.
E ele aparece correndo.
Temos tempo.
Temos tempo suficiente.

Incluído na "Antologia de Poetisas da Patagônia", Aurora Cruz (compiladora).

10.

BRANCA: Mamãe está como em suspensão. Sustentada por um fio. Eu estou orbitando em volta dela, cheia de coisas inúteis na cabeça. No entanto, adoro poder cuidá-la. Ela está muito magrinha. Eu coloquei um banquinho no chuveiro para ela e então devagarinho passo a esponja pelas suas costas. Ela nunca reclama de nada. Deixa que eu lentamente dê banho nela, lave seu cabelo, e a seque. Bom, para dizer a verdade, pra comer ela reclama um pouco. O que eu cozinho, ela come a contragosto e o que lhe dão no hospital, deixa metade e diz "não tem gosto de nada". É verdade, eu provei e não tem gosto de nada mesmo. Isso é triste e talvez seja eu que esteja procurando beleza em tudo isso, e talvez não exista, não tenha nada de bonito nisso. Mas o fato é que, de vez em quando, eu sinto que estou devolvendo algo pra ela, não sei, alguma coisa. Que de repente estou cuidando dela, lhe dando banho e dando de comer. E que o círculo se fecha. A vida. Uma sabedoria da vida. Um pouco triste, mas é assim. A vida é assim. Você tem um bebê e cuida dele e você sabe que no final aquele bebê vai ficar grande e você

velhinho e aquele bebê vai cuidar de você e não vai te abandonar haja o que houver. É lindo. A lealdade de uma mãe e uma filha. Meu caso. E penso também que eu gostaria de ter uma filha. E que vou lamentar que mamãe não a conheça. Isso vai me dar pena. Mas a vida é assim, o ciclo da vida. Mas não consigo entender que as pessoas tenham que morrer. Não consigo entender. Porque a vida tem momentos tristes, sim. Mas morrer? Porque tudo o que vivemos, aprendemos, as experiências que vamos armazenado e as coisas sentimentais, como os amores e as amizades, isso, e tudo isso, tudo acaba? Como pode ser? É muito, muito triste. Que tudo desapareça. Morrer. Não consigo entender. Espero que o céu exista. E então que todos nos encontremos outra vez. Oi, como vai? Olha, você aqui também, olá, olá. Todos que amamos, juntos. Como uma festa de aniversário incrível. Espero que assim seja o céu.

11.

AURORA: “Não há nada mais bonito do que o avião pousando em Ushuaia, filha”, seu pai sempre lhe dizia. O barulho do avião é ensurdecador. Ela olha pela janelinha. Pensa: a morte é o final da metáfora. Pensa: a morte não pode ser expressa por outro conceito. Pensa: a morte é a morte. A única coisa real. E enquanto ela pensa coisas, seu filho acorda. Nascer é real. Tão real quanto morrer, no mínimo. Ou talvez mais. E João Manuel nasceu. João Manuel é real. O João Manuel é mais real que a morte. Se houver uma luta, a morte versus João Manuel, por exemplo, e isso porque João Manuel é quase um bebê, mas mesmo assim se João Manuel e a morte lutarem entre si, é óbvio que João Manuel vence. Mas ela não pensa assim. Porque ela pensa com palavras. E as palavras não querem dizer nada. Nada quer dizer nada. Exceto aquela eletricidade, aquela coisa que sai dos olhos e do coração. Aurora está indo a Ushuaia para o funeral da mãe da sua amiga Branca. E também está levando João Manuel. A morte e a vida produzem o movimento. É assim de simples, assim, imutável, fundamental. O barulho do avião é ensurdecador. O avião começa a descer. Dá a impressão de que não vai acertar a pista. A cidade é uma miniatura. O aeroporto, minúsculo. O avião parece enorme, muito maior que a cidade. “Não há nada mais bonito do que o avião pousando em Ushuaia, filho”, diz Aurora para João Manuel. O barulho do avião é ensurdecador. O avião pousa.

Ushuaia, seu filho, sua amiga, a mãe da sua amiga, a morte, a vida. Não há nada de original. O único original, é tudo.

SEGUNDA PARTE

12.

O que é uma girafa? Quem botou o ovo do mundo? O que é interior e exterior? Branca se propõe a desenhar um mapa de Ushuaia para dar de presente pra sua amiga Aurora, que mora em Buenos Aires. Mas ela não quer fazer um mapa atual de Ushuaia, o que seria fácil. Ela procura criar um retrato que restaure perfeitamente a Ushuaia de quando ambas eram meninas. Assim, Branca dedica meses à tão infrutífera tarefa. A Ushuaia real muda, cresce, se apequena, se deforma. A da memória, a Ushuaia do mapa de Branca, fica cada dia mais perfeita. A leitura é a arte da imitação. A realidade não é o objeto da representação, Ushuaia neste caso. Ushuaia não é o real. O real é o lugar onde um mundo fantástico finalmente acontece. Para que serve um elefante? Qual é a utilidade de uma fruta? Para que foi inventado o amor? Amor é catástrofe, pânico, estrutura. Aurora escreverá um diário íntimo. Amor é ascensão, filme de terror, olha no que você me transforma. Branca também escreverá um diário íntimo. Amor é te adoro, plenitude, estou desesperada. Amor e um diário íntimo são sinônimos para Aurora e para Branca. E um diário íntimo é como um mapa. A cidade é como a própria vida: sempre mutável, sempre falaciosa, sempre estranha. O diário íntimo é a maquete: inalterável, microscópica, total. Narrar é transmitir uma emoção. Com o avanço do diário íntimo, Aurora e Branca começarão a viver o diário íntimo, e este diário íntimo substituirá a própria vida. A imaginação é autobiográfica.

O elefante é o maior mamífero terrestre. São animais extremamente inteligentes. Isto se deve principalmente ao seu grande cérebro, daí vem "memória de elefante". Um elefante nunca esquece. As manadas são formadas exclusivamente pelas fêmeas e seus filhotes, e uma das fêmeas adultas as lidera. Nem preciso dizer que Branca nunca deu a Aurora o mapa de presente, já que ainda não conseguiu terminá-lo. Aurora e Branca sempre viveram na mesma rua, a rua Sarmiento. Tudo o que podemos imaginar, em algum lugar existe.

13.

O DIÁRIO DE AURORA

19 de julho: Isso não é um diário íntimo. Isso é o terror. O terror manifestado. A tentativa de domesticar o terror através da linguagem. Devo confessar pra mim mesma: estou apaixonada por um homem. Ele é um escritor que frequenta uns saraus que eu participo. É um homem alto e robusto, de cabelo e barba preta, boca larga, se veste de maneira formal - com camisas e pulôveres - e que às vezes combina mal as cores. Seu nome, paradoxalmente, é Ulisses. Já amei um Ulisses. Um cão. E agora isso. Uma duplicação absurda. Este Ulisses não é um cachorro. Este Ulisses é o Diabo. Estou há três noites sem dormir. Meu filho não merece isso. Nem meus alunos. E bom, tem o João Carlos. O amor é um monstro. Um monstro que só gera horror e tristeza. Por que isto está acontecendo comigo? Por que comigo?

22 de julho: Hoje falei pro Ulisses "Aceito seu café". Ele me disse por que não vamos caminhar, disse que tem espírito de flâneur. E eu disse "não, caminhar não. Café ou nada" e então tomamos um café. A noite foi curta, mas correta. Conversamos sobre livros, como sempre. Quando nos despedíamos, Ulisses me disse "você sabe que estou apaixonado", e eu disse "por quem?" Ele sorriu e fechou a porta do meu táxi.

3 de agosto: Saí para passear com o Ulisses cachorro e me dei conta que gostaria de passear com o outro Ulisses. Mas também percebi algo mais importante: o amor do Ulisses cachorro é o amor perfeito. O do João Carlos de tão calmo é chato. O do Ulysses escritor, me causa tanta ansiedade, que me faz mal. Por outro lado, o do Ulisses cão é demonstrativo, nobre, leal, afetuoso. Por que nós, humanos, não amamos como os cães? Se fôssemos melhores, seríamos melhores.

8 de agosto: Hoje vi Ulisses. Caminhamos por horas. Ele sabe da minha situação. Também sabe que não deveria ficar tarde e mesmo assim acabou ficando tarde. Na hora do jantar eu falei "bom, eu vou pegar um táxi, Ulisses" e ele me pegou pela mão, muito seguro, e me deu um beijo longo e úmido. Eu o beijei timidamente, um beijo ruim. Eu agi como uma menininha. Pro jantar fiz salsichas com purê. Esse prato tão simples é o prato preferido do João Carlos.

30 de agosto: No final do sarau, Ulisses me convidou para ir ao seu apartamento. Eu disse que não, o que que ele tava pensando. Ele me disse "eu quero te comer", eu dei um tapa nele, dei meia volta e saí.

5 de setembro: Esse sentimento que chamam de Amor, eu não sei o que é. O que eu sinto é uma combinação de sentimentos maravilhosos e outros horríveis, todos misturados. Me dou conta de que escrevo tudo isso para não escrever o que realmente aconteceu. Eu fui para a cama com Ulisses e foi algo inesquecível. Com João Carlos sempre foi correto, não estou dizendo que não. Mas bem. A coisa foi assim. Topei visitar o apartamento do Ulisses. É um prédio antigo. O apartamento é pequeno e possui apenas livros, uma máquina de escrever e uma cama. Ulisses leu pra mim um livro de um amigo poeta argentino de Corrientes. Quando terminou, ele me disse: o futuro da literatura argentina é o surrealismo, e começou a me beijar. Em seguida tirou o pau pra fora e o colocou na minha boca sem dizer uma palavra. Eu nunca tinha feito isso. Com o João Carlos, jamais. Comecei a beijar o membro dele como se o próprio membro fosse um namoradinho meu e eu o estivesse beijando apaixonadamente. Eu gostei. Beijar seu pênis era como beijar sua alma. "Esta pica é sua, faça o que quiser com ela", me disse. Ela, a pica? Isso me soou estranho. Uma pica no feminino. Então ele me disse "leia pra mim poesia e não pare ", e enquanto chupava o pau, eu lia "Eu quero cativar seu desespero, oh macaco, adeus; tremulas tanto nas tuas ilhas negras, oh macaco, adeus"*.

Depois ele me colocou contra uma das suas estantes de livros e me penetrou. Foi intenso, breve e com muito sentimento. Gozamos juntos. Em seguida, nos abraçamos, como se fosse a comemoração de um gol. Então ele me beijou e olhando nos meus olhos, disse: "Aurora, com você é sério."

28 de setembro: Ulisses, hoje eu pensei em te matar. Por que você existe? Depois pensei em abandonar o meu marido e o meu filho e fugir com você. Depois pensei em suicídio.

30 de setembro: Escrevi um poema para Ulisses, um poema que guardarei num cofre, como um segredo. Mas um poema não é escrito sempre para ser mostrado? E um diário íntimo? Um diário íntimo se escreve para ser mostrado ou para nós mesmas?

Amor*

Branco pólen dos mundos, doce leite de gelo
Como a algo do céu, provar você já desejo
Quem dera fosse uma borboleta gigante divina
Para afundar a cabeça nessa sua farinha!

O sangue ferve, líquido de fogo
Salta dos meus lábios, onde ele finge pronto.
Desejo dos céus, e não sei o que ofereceria
Para que na minha face esse leite cairá.

1º de outubro: Ulisses me abandonou. É um imbecil.

2 de outubro: Vou maltratar meu corpo e, quer saber, isso vai pra sua conta. Vou tomar uma montanha de tranquilizantes e uma garrafa de conhaque nacional que acabei de pegar no armazém. Vou me virar do avesso. Acabou para mim. Acabou.

5 de outubro: A tentativa de suicídio me custou caro. Estive três dias com diarreia. João Carlos se comportou muito bem, me preparando sopinha e me dando remédios. Bom, chega. Esse final ridículo já foi mais do que o suficiente. Não há metáfora. Queria morrer de amor e acabei me cagando inteira. Nunca mais eu me apaixono.

1 ° de dezembro: Volto a escrever este diário porque amanhã vou ver Ulisses novamente. Ele abandonou os saraus e nós não nos vemos há dois meses. Mas amanhã não haverá sexo. Amanhã vamos conversar. Seremos amigos.

2 de dezembro: O metrô que peguei para chegar até ele me deixou a quatro quarteirões de distância e eu andei esses quarteirões tentando conter tanta ansiedade. Cheguei dez minutos antes. Me sentei. Pedi um chá. Ameacei abrir um livro, mas não conseguia ler. Me concentrar. Meu coração estava saindo pela boca. E quando deu a hora, eu o vi

aparecer na porta. Na hora exata. Parecia mais alto. Muito alto. E com a barba ainda maior. Parecia outro. Alguém novo. Alguém ainda mais bonito que Ulisses. Mas era o Ulisses. Ele se sentou à mesa. Me olhou. Te amo, Ulisses, disse pra ele. E desatei a chorar. Vamos para a minha casa?, ele me disse. Nem pediu seu habitual uísque. Fomos. Fomos para a sua casa. E fizemos amor. Mas desta vez, sem coisas esquisitas. Fizemos isso. Amor. Fizemos Amor. Agora já está feito, para sempre.

3 de dezembro: João Carlos: eu amo outro homem. Se você, algum dia, ler este diário, tenha a decência de: a) me abandonar e me deixar com meu filho e com a minha vida; ou b) não me dizer nem uma única palavra.

5 de dezembro: Ontem Ulisses me convenceu a fazer sexo anal. O tempo todo eu sentia que ia defecar seu pênis. Não consigo compreender o prazer desta experiência.

8 de dezembro: Por que me apaixonei por este homem? Por que uma mulher amaria um homem? Se nós mulheres somos melhores. Fazem muito bem essas senhoras que saem com outras senhoras.

16 de dezembro: Não posso continuar vivendo assim. Não posso. Sou um monstro. Sou uma egoísta. Não mereço nada de ninguém. Eu deveria arrancar meus olhos. Meu filho é um santo. Meu marido também. E eu me entrego a todo tipo de perversão com esse sátiro egocêntrico. Isso tem que acabar.

24 de dezembro: Não aguento mais. Não posso mais. Estou destruída pelo nervosismo e o desespero. Já não durmo mais à noite. E acho até que perdi peso. Preciso pôr um fim nisso. Na minha vida. Em tudo. Vou abrir o forno. Eu vou enfiar minha cabeça dentro. Meu último Natal. Vou me suicidar. Como se suicidam os poetas. Nada disso tem sentido.

24 de dezembro bis: Não consigo. No forno, não consigo. É muito cruel. Ou eu sou muito covarde. Vou botar fogo. É isso que eu vou fazer. Botar fogo em mim, na minha casa e nesse diário. Vejo Ulisses. Ulisses cachorro. Vou morrer com ele também. Um suicídio

semântico. Morrer com o duplo canino do meu amado. Também te amo, querido animal. Vamos nos entregar. Ele não sabe que vai morrer. É o que dizem. Tento pensar como ele. A mente fica em branco. Vou queimar papéis. E a casa vai queimar. E com ela, meu cachorro e meu coração, e minha vida. Vamos arder, amado cão. Vamos arder no fogo do desespero. Já aguentamos o suficiente.

1 de janeiro: Estou viva por um milagre. Meu cachorro Ulisses salvou minha vida. Parece que enquanto a cozinha pegava fogo, eu fiquei inconsciente por causa da fumaça, jogada no chão da cozinha, então o cachorro de um jeito de abrir a porta da casa, voltar para a cozinha e me arrastar para fora de casa como se eu fosse uma cria dele. Ou um pauzinho com a qual ele brinca. Vai saber o que o bicho achava que estava fazendo. Talvez as pessoas estejam erradas, talvez os cachorros tenham consciência sim da morte, e é por isso que Ulisses me salvou. Me salvou da morte. Ele disse "você tem que continuar vivendo, Aurora." O cachorro Deus. Seja como for, depois de me puxar para fora, ele começou a uivar no corredor comigo lá deitada inconsciente, e aí um vizinho me viu, pediu ajuda, e ligou para o corpo de bombeiros. Sobrevivemos ao incêndio, meu cachorro e eu. E também esse diário, que escondo porque ninguém pode ler. Esse diário que eu não fui capaz de destruir. Quis me matar por um Ulisses e outro Ulisses me salvou. O amor não tem metáfora. Vou parar com isso. Agora sim, para sempre. Vou fugir. Te amo, Ulisses. Se puder, me esqueça. Eu não vou conseguir. Agora e sempre e por toda a eternidade...

2 de janeiro: A imagem que temos do campo é sempre um tanto anacrônica. Já perto de Patagones o céu é verde como o cimento, e o mar é como de querosene. Eu sou uma fugitiva que escreve enquanto viaja em um trem com um cachorro e um menino. Me sinto desfeita. E também me sinto linda. Linda como Judas Iscariotes. Traí o meu marido. E quero deixar registrada neste diário a encenação da minha traição. Porque o que eu fiz, foi sentar João Carlos na sala de jantar e dizer pra ele toda a verdade. "Eu transei com um cara durante meses. Já não te amo. Vou embora. Levando seu filho e seu cachorro ". Eu sou uma canalha. Sou repugnante. Não sou uma boa argentina. Ele chorou. João Carlos chorou. E eu, nada. Sou uma perfeita filha da puta. "Não chora João Carlos, você é um homem feito", disse a ele. É assim. *A struggle for life*; alguns se

regeneram e outros sucumbem. E então ele ficou bravo. Gritou comigo. Como nunca tinha feito. Eu o enfrentei, e ele imediatamente recuou. João Carlos é um cagão. E chorou outra vez. "Você está me matando", ele me disse. Eu não disse mais nada. Não pude. Peguei uma mala, peguei o bebê e peguei o cão pela coleira. Tropecei numa cadeira... E saí. Não sou mais o brinquedo de ninguém. Vou dar por terminado este diário. Agora eu começo uma vida nova, que na verdade é a mesma vida de sempre, mas nova. Estou voltando para Ushuaia. Vou reabrir a livraria do meu pai e, além do mais, minha melhor amiga precisa de mim. Assim crescem as coisas ao vento. Tortas, mas bem agarradas à terra.

14.

O DIÁRIO DE BRANCA

AGOSTO. SEGUNDA-FEIRA

Começo a escrever um diário íntimo. Foi um conselho da minha amiga Aurora. Ela me disse que escrever um diário podia ser bom para enfrentar a tempestade. Estou muito triste, desde a morte da minha mãe. E é incrível: vejo escrita, como agora neste diário, a palavra "triste" e percebo que não me representa. "Triste", vejo uma série de desenhos aleatórios lançados num papel. "Triste", se diz de uma pessoa de caráter ou personalidade melancólica. "Triste", e não é assim que me sinto. Eu me sinto triste de verdade. E meu "triste" seria algo como: dolorida, confusa, angustiada, aliviada, perdida, desconsolada, dissoluta, indignada, doente, triste, bagunçada, terrível. Eu não entendo o que existe agora. Na minha vida. O que há? Não entendo. Vivi toda a minha vida com a mamãe. E então agora eu digo: e agora?

QUARTA-FEIRA

Minha mãe me escreveu uma carta em sua agonia. Me pediu expressamente para abri-la logo após sua morte. E eu ainda não tive ânimo. Essa noite, vou comprar uma bebida para tomar coragem, e vou ler essa carta.

MESMO DIA, À NOITE

No meio da agonia da mamãe, a única coisa boa que poderíamos dizer que aconteceu, foi um homem que eu conheci. Quero deixar registrada neste diário a cena de como nos conhecemos, para nunca esquecer nem um único detalhe. Um homem me ajudou a entrar com a minha mãe no pronto socorro. E eu lhe disse, obrigada senhor. E ele me diz bem-vinda, senhorita, meu nome é Klaus. E eu digo, oi Klaus, e ele me diz Klaus Henriksen da Noruega. E eu digo Branca, como a cor. E ele me diz Vlanco e eu digo não, Branca, com “a”, Branca. Vranca, diz ele. Eu lhe digo Branca e ele Vranca e eu Branca e ele Vranca. Então ele me diz eu sou biólogo marinho, vim para luyuaía para estudar espécies de animais daqui e comparar com Noruega.* E eu digo a ele, mas aqui no hospital existem pessoas, não animais, Klaus. E ele me diz aqui no Hospital eles emprestam pra mim instrumentos. Instrumentos disse. Como se fosse um músico. Eu ri. Mas com cortesia. E ele riu também. Do que você está rindo, Klaus? E ele: porque você ri, ha ha ha, porque você ri. Estava feliz. Não sei porque. Então ele pára de rir, e me diz como está sua mãe? E eu digo não, Klaus, não, não, não, mamãe está bem difícil. E ele apoia a mão em mim, e eu a agarro, e ele coloca a outra mão sobre a minha, fazendo um pequeno sanduíche da minha mão, e me diz Força Vranca. E seus olhinhos choram, uma lágrima escorria por sua barba muito muito loira. Eu também chorei. Tínhamos compartilhados apenas cinco minutos e já havíamos rido e chorado juntos. Foi muito mais que os cinco anos com Alberto.

SEXTA-FEIRA

Klaus não me dá bola. Continuo sem abrir a carta da minha mãe. Escrevo este diário sem vontade. Para quem escrevo? Se é apenas para mim, então já não é o bastante viver a vida? Por que eu preciso deixar registrado o que acontece comigo?

SÁBADO

Eu quero que Klaus me deseje. Quero que se apaixone por mim. Que me ame loucamente. Que diga Branca, Branca, enquanto sonha. Que aprenda a dizer direitinho, de uma vez por todas. Não Vranca. Branca. Com B. Alguma vez, a coisa tem que dar certo pra mim. Uma vez, puta merda. Que esse cara se apaixone por mim. Que me ame. Que me ame muito. E que me beije. Me agarre. Que pegue nos meus peitos. Que me peça coisas sujas. Que fique de pau duro o tempo todo. Que me olhe e me diga ah como eu

te amo, puta que o pariu. Que roube minhas calcinhas da gaveta. Que vá me ver mijar depois de fazer sexo. Que escovemos os dentes juntos. Que acorde com o pau duro todos os dias. Que me olhe com orgulho. Que às vezes até chore por me amar tanto. E eu diga ai que bicha esse norueguês. Mas dizendo só pra tirar onda, porque de verdade eu o amaria. O amo. Eu te amo Klaus. Filho de uma puta. Eu te amo. Me ame você também. Vai. Deus, uma vez. Uma vez, faz dar certo pra mim. Vai. Klaus a puta que te pariu. Vai Deus. Eu mereço. Agora sim. Agora. Agora.

DOMINGO

Às vezes eu sou meio tonta, é verdade. Mas também vamos dizer que às vezes são as próprias circunstâncias que confundem a gente. Acontece que finalmente Klaus veio tomar um chá. O cara toma chá. Nem mate, nem café. Chá. Bom, e chá que vem, chá que vai, de repente ele segura minha mão, Klaus, segura minha mão. Eu olho para ele. E ele olha pra mim. Olho para ele. Ele olha pra mim. Lerdo, Klaus, sempre lerdo. Ou, quem sabe, não seja lerdo, pode ser a velocidade da Noruega que é outra velocidade, uma mais lenta que a nossa, aqui na Argentina. E ele me disse, eu, Vranca, me disse, eu estou me sentindo muito próximo de você. Assim me disse. E eu comecei a beijá-lo todo, a barba loira e ruiva, a boca, tudo. Foi lindo. Sim. Me deu um beijo lindo. Ele tem a língua fria como o gelo. E um gosto bom. Bem, se fosse preciso ser exata, diríamos que o beijo foi eu quem dei. Mas não. O beijo é uma coisa a dois. Ele deu e eu dei. Foi um beijo. Klaus me beijou.

TERÇA-FEIRA

Hoje sim, eu vou abrir a carta. De uma vez por todas. Sem bebida nem nada. O beijo de Klaus me deu coragem. Essa noite vou ler a carta da mamãe.

QUARTA-FEIRA

Eu tenho um pai. A carta conta toda a história. Que minha mãe saiu de Salta para morar em Buenos Aires e que vivia numa pensão, e ali morava um garoto jovem, mais novo que ela, que estudava medicina. E eles ficaram noivos e para que ele pudesse estudar, era mamãe que trabalhava. E esse homem foi meu pai. E parece que esse homem que era médico fazia algo que não era correto, foi assim que minha mãe escreveu, algo assim

como tirar bebês de mulheres que não queriam tê-los. Mas parece que uma vez uma senhora sem conhecimentos mas que fazia o mesmo que ele não foi teve um problema e mandou chamar este homem que parece que era meu pai para ajudá-la com uma menina, e este homem não pôde salvá-la e essa menina morreu. E então o denunciaram e acabaram mandando ele aqui pro presídio de Ushuaia e é por isso que nós duas moramos aqui. Então foi assim. Mas não termina aí: acontece que um dia minha mãe aparece numa visita na prisão assim de forma inesperada e o cara estava com outra mulher. Porque parece que meu pai tinha uma amante já há muito tempo e ele ia largar a minha mãe justamente quando aconteceu o acidente e aí essa amante conseguiu dinheiro para vir vê-lo aqui em Ushuaia na cadeia. Então minha mãe nunca mais o viu, aquela velha era teimosa. Enfim. E eu sou fruto de toda essa confusão. Meu pai se chama Dr. Emilio Fierro, e ele mora em Rio Grande. E eu quero conhecê-lo.

SÁBADO, RIO GRANDE

Klaus conseguiu emprestada, de um médico do hospital, uma camionete inglesa que ele tem e fomos pra Rio Grande para conhecer o Dr. Fierro. A viagem foi uma aventura e tanto. Klaus dirigia concentrado e em silêncio. Eu estava animada. Chegamos em Rio Grande. Encontramos a casa do Doutor Fierro. Batemos na porta. E aí estava ele. Alto, moreno, velhinho já, mas saudável. "O senhor é o Dr. Fierro?" perguntei a ele. Sim. "Eu sou sua filha", disse eu. E ele me fez entrar pra tomar um chá. Como se nada. Dr. Fierro também toma chá. Ele me disse que foi médico em Rio Grande durante anos, agora quase já não trabalha. Viveu com a mulher da visita surpresa até o ano passado, quando ela faleceu. É educado. E um pouco estranho. Disse que vai vir me visitar com frequência, que poderíamos ser amigos. Klaus disse que somos muito parecidos. Não consigo imaginá-lo como namorado da minha mãe.

SETEMBRO. SEGUNDA-FEIRA

Aconteceu uma coisa linda! Klaus vai ter que ir à Antártica por causa das suas pesquisas e me convidou. Vamos juntos daqui a uma semana. Estou muito feliz. Vranca, você não quer vir para a Antártica com eu?, ele disse. E eu respondi, Klaus, o que é a Antártica? E aí Klaus sorri todo branquinho e vermelho, ha ha ha, ha ha ha, a Antártica é amor. O

amor é um deserto gigante e congelado, Klaus?, pensei, mas não disse nada porque o vi tão feliz, coitadinho.

SEGUNDA-FEIRA

Primeiro dia na Antártica. O lugar parece um lugar de sonho. Eu disse a Klaus “Gente, Klaus, esse lugar parece um lugar de sonho” e Klaus disse “não, Vranca. Esse lugar é real”.

QUARTA-FEIRA

Terceiro dia na Antártica. Bom, Klaus está abanando o rabinho para metade do mundo porque o Instituto Polar norueguês o enviou para cá para ver se conseguem colocar uma base aqui. Porque parece que existem bases de muitos países. Nós fomos parar em uma base americana. Então, Klaus fica o tempo todo falando com os americanos e eu de inglês sei pouco ou nada. Mas eu observo e aprendo coisas. Klaus, mal conversa comigo. Ele só fala comigo quando acordamos e antes de dormir. “Quando eu era menino, minha avó lia A Odisseia para mim, é por isso que eu amo o mundo”, ele me disse esta manhã.

SÁBADO

Sexto dia na Antártica. Hoje foi um dia importante. Klaus me levou para ver umas focas. Se chamam focas de Wedell. Elas são cinzas e com a carinha preta. E parece que essas focas mergulham muito fundo na água. Então ali, Klaus fez seu pequeno truque para mim: “Vem, encosta a orelha”, ele me disse. E eu encostei minha orelha e foi incrível. Soava uma música incrível. Uma música que parecia ser feita por robôs. Mas não eram robôs. Eram focas.

SEGUNDA-FEIRA

Oitavo dia na Antártica. Klaus é mergulhador. Uma novidade. De repente, eu o vi com um capacete de astronauta e com uma calça colada no corpo. Então é isso: Klaus mergulha nas profundezas para olhar bichinhos. Não peixes. Uma coisa ainda menor. Parece que embaixo d’água existe um universo. Criaturas com tentáculos enormes, vermes com arcadas deformadas, monstros marinhos violentos e sanguinários, mas todo esse filme de terror é uma miniatura que Klaus só consegue ver com seus

instrumentos. Eu gosto de suas histórias. Ele se cansou dos americanos e presta mais atenção em mim. Ontem eu disse pra ele: o que você tanto procura debaixo d'água, Klaus? E ele me disse: Klaus busca origem da vida.

QUINTA-FEIRA

Hoje é o último dia na Antártica. Durante todo esse tempo aqui, não menstruei. Vi um bando de pinguins que caminhavam todos fazendo o mesmo passinho, mas um deles ia para o outro lado. Klaus me explicou que ao invés de estar caminhando para a água ele estava indo para o interior do continente, o que quer dizer, que ele estava caminhando para uma morte certa. Vamos resgatá-lo, Klaus. "Não, temos que deixar ser", ele me disse. E depois disse pra mim: acho que vou voltar para a Noruega para entregar meus relatórios em universidade, logo volto Ushuaia e nos casamos, e depois vamos morar lá em Oslo, Noruega. Foi isso que ele me disse. Seria uma espécie de proposta de casamento que Klaus me fez. Mas na verdade, ele não propôs. Ele me disse isso assim. Como que me contando uma coisa sem importância. Depois me disse: pinguins machos chocam ovos junto com pinguins fêmeas, você sabia, Vranca?

NOVEMBRO, SEGUNDA-FEIRA

Retomo este diário, que eu tinha abandonado, porque a minha vida tem novidades maravilhosas que quero deixar registradas aqui. Eu vou ter um filho. Estou muito feliz. Espero que Klaus volte logo da Noruega. Ele foi embora alguns dias depois da notícia, e já estou com saudades dele. Mesmo sendo um homem esquisito. Estou ficando muito amiga do Dr. Fierro, meu pai. Embora ele também seja um homem esquisito.

DEZEMBRO, TERÇA-FEIRA

Aconteceu o que eu mais temia. Perdi meu bebê. Fim. Agora tudo ficou triste. "Triste" e sinto uma música que destroça meu coração. "Triste", se diz de uma pessoa de caráter ou personalidade melancólica. "Triste" e é assim que eu me sinto. Não acredito mais na vida. Quero correr, mas não sei para onde. Torço minha vida como um pano de chão e não sai nada. Eu sequei. Meu pai disse que provavelmente já não possa mais ter filhos. Faz sol lá fora. Eu choro o dia todo.

QUINTA-FEIRA

Klaus já deveria ter voltado há um mês. Começo a pressentir que ele me abandonou. Estou destruída. Tenho escrita para sempre em meu coração a palavra infelicidade.

SEXTA-FEIRA

Vou muito à farmácia. Na hora da sesta. O filho do Árias, o farmacêutico, é um pouco a fim de mim e por isso ele me vende tudo o que eu peço. Ando tomando comprimidos para tudo. Comprimidos para dor. Comprimidos para dormir. Comprimidos para levantar. Comprimidos para olhar o horizonte em um dia chuvoso. Comprimidos para pensar. Comprimidos para parar de pensar. Comprimidos para parar de pensar em parar de pensar. Comprimidos para a tosse. Comprimidos para o estômago. Comprimidos para os olhos. Comprimidos para os braços. Comprimidos para as pernas. Comprimidos para a tristeza. Comprimidos para comer. Comprimidos para estar morta. Comprimidos para viver. Não existe psicologia. Que bom seria ter uma vida normal.

DOMINGO

Escrevi um poema que teria vergonha de mostrar, mas como me parece um bom poema, vou deixar registrado aqui. Chama-se Noite Passada porque foi o que aconteceu comigo ontem à noite, embora eu o tenha escrito hoje.

Noite passada

Noite passada

Voltei a misturar comprimidos com álcool.

É porque estou deprimida.

Eu sei que está errado.

Convidei o farmacêutico para minha casa.

Victor se chama.

Ele quer cuidar de mim.

Me fode, Victor, não preciso que me cuidem,

Disse.

Me senti idiota.
Bebi.
Dancei.
Até chorei um pouco.
Victor olhava quietinho
Não sei, Victor.
Às vezes peço desculpas.
Eu gostaria de ser mais forte.
Não sei o que é metonímia.
Digo muito Tudo e Nada.
Tenho problemas de autoestima.
Sempre penso que não me amam.
Costumo brigar com as pessoas.
Deveria tentar me apaixonar.
Sabe a que estou me referindo, Victor?
É uma coisa aqui no meio do peito que é como não sei.
Por que você não tenta ficar mais calma?
Me fode, Victor, senão vou me sentir pior.

SEGUNDA-FEIRA

Forças do mal se apoderam de mim. Caminho pelo centro. E de repente sinto uma necessidade. Entro no edifício da Prefeitura. E fico louca. Me converto em um redemoinho. Vejo a cor vermelha. E destruo todo o lugar. Eu começo a derrubar as escrivaninhas. Jogo pelo ar o papel, as canetas, os fichários. Começo a quebrar as máquinas de escrever. Estou totalmente fora de mim. Segura ela, eu escuto. Mas ninguém vai conseguir me segurar. Estou possuída. Tenho a força de um mongol. Destruição. Porque sim. Pelas injustiças, pelas tristezas, pela dor, pela raiva. Eu quebro tudo com uma fúria quase alegre. Mais do que uma coisa desordenada, o que eu faço é uma dança fantástica. Voam do meu corpo os móveis e os utensílios do Município e eles vão se chocar com os vidros. Há uma fabulosa chuva de vidro. É uma festa da vingança. Quero destruir minha cidade. Quero destruir a nação e com ela, eu mesma. O tesoureiro

tenta me segurar e eu quebro o nariz dele com uma cotovelada. Ouço um bebê chorar. Estou usando um vestido branco que agora é metade preto de tinta e metade vermelho de sangue. Estou descalça. Jogada no chão. Desgrenhada. E acho até que fiz xixi na calça. Não brota de mim nem uma única lágrima. Olho para cima e vejo a cara de pavor e medo de todo mundo. Perdão perdão. Eu digo. Passei do ponto. Quiseram me prender ou me enfiar num hospício. Mas como me conhecem desde pequena, me deram outra oportunidade. Alguém tem que cuidar dela, disseram. E Víctor Arias me salvou. Eu posso ser seu cuidador, disse pra eles. E agora anda dizendo que é meu namorado.

SÁBADO

Vou dar por terminado este diário. Como se fosse um livro, que eu termino e fecho. Se este diário tivesse que ter um título, o título seria *O Suplício de Branca*. Mas os diários não têm título, ou o título é sempre o Diário de, e o nome da pessoa. Mas nesse caso, não poderiam chamá-lo de O Diário de Branca, não. Porque eu sou uma pessoa desfeita. Meu nome não é mais Branca Fierro. Eu agora sou a Branca Escuridão. Estou desesperada. Escrevi uma carta para Aurora. Eu preciso dela, eu preciso que ela venha para me resgatar. Estou sem forças. Perdi minha missão nesta vida. Barulho de sirenes, assovios, fogos de artifício, rolhas saltando de garrafas, balas atiradas para o alto, o alarido do caminhão de bombeiros. Deve ser exatamente meia-noite. Feliz Ano Novo.

TERCEIRA PARTE

15.

Já está tudo feito, ouviu Deus o que lhe diziam, e ele nem havia criado o mundo ainda. Qualquer multiplicação é uma multiplicação. Nada é criado do nada.

Por exemplo, a palavra reproduzir. Voltar a produzir ou produzir de novo. O que, falando de seres vivos, seria engendrar e produzir outros seres com suas mesmas características biológicas.

Por exemplo, os seres humanos. Não estaríamos aqui se nossos pais não tivessem feito sexo naquele mesmo e exato segundo. E se nossos avós não tivessem feito sexo naquele exato segundo. E se voltarmos no tempo quatrocentos anos, nossa existência depende de umas quinze mil pessoas, que tenham feito sexo no dia exato, no momento exato.

Por exemplo Aurora. O conhecimento a ela foi revelado em um livro. Aurora compreende que qualquer destino, por mais longo e complicado que seja, na verdade, se resume a um único momento: o momento em que uma mulher entende para sempre quem ela é. Por exemplo, Branca. Uma mulher corajosa envolta numa escuridão indecifrável. Branca se sentia uma mulher dentro de um buraco esperando para ser resgatada por um lobo. E Aurora compreendeu seu profundo destino de lobo.

As duas mulheres se encontraram depois de anos, mas para elas haviam sido apenas alguns minutos. "Para sofrer nasceram as mulheres", disse Aurora a Branca. E aí Branca entendeu que um destino não é melhor que o outro, mas que cada uma precisa aceitar o destino que carrega dentro do coração. E nesse mesmo instante, quase como um milagre, as duas pensaram - ao mesmo tempo - no dia em que se conheceram. Eram meninas. Olhavam a lua. Foi simples assim. E depois veio todo o resto. A vida. Tudo está começando. O tempo todo. Para sempre. Às vezes, Deus aparece e coloca as coisas em seu lugar. "A vida é sempre a vida, Aurora"; disse Branca. E Aurora respondeu: "a vida é sempre a vida".

16.

BRANCA: Você é a filha do livreiro?

AURORA: Sim.

BRANCA: Qual é o seu nome?

AURORA: Aurora

BRANCA: Olá, Aurora, meu nome é Branca.

AURORA: Olá.

BRANCA: Tenho cinco, e você?

AURORA: Sim.

BRANCA: Sim?

AURORA: Cinco. Sim.

BRANCA: Você está sempre lendo livros, né?

AURORA: Sim.

BRANCA: Você gosta?

AURORA: Sim.

BRANCA: Eu gosto de desenhar e escrever.

AURORA: Escrever?

BRANCA: Sim. Escrevo. Coisas. Qualquer coisa.

AURORA: Ah. Nunca pensei em escrever.

BRANCA: Sim, qualquer um pode. Você escreve e fica escrito.

AURORA: Sim.

BRANCA: Quero te contar um segredo.

AURORA: O quê?

BRANCA: A lua me segue.

AURORA: O que?

BRANCA: Sim. A lua me segue.

AURORA: O que você está dizendo?

BRANCA: É um achado.

AURORA: Um achado?

BRANCA: Não fique enciumada, Aurora.

AURORA: Por que enciumada, hein?

BRANCA: Você vive fechada lendo livros e de repente eu apareço e trago a lua para você.

AURORA: Não entendo o que você está dizendo.

BRANCA: Vem. Me dá sua mão. Eu lavei. Me dá a mão.

Olha. Você a vê? Você vê, Aurora?

Olha agora.

Você a vê? Você vê, Aurora?

AURORA: Sim.

Sim.

Sim, Branca. Sim.

17.

BRANCA: Linda a sua livraria.

AURORA: Sim. Um pouco abandonada. Não tem nem luz.

BRANCA: É que sua tia está senil, você sabia disso.

AURORA: Sim. Eu já sabia.

BRANCA: E a gente a deixou cuidando do João Manuel e do cachorro.

AURORA: Quer dizer que aquele Doutor Fierro afinal mostrou ser um crápula? "Eu quero viver", assim, com essas palavras, ele te disse?

BRANCA: Sim. "Eu vou para Buenos Aires. Quero viver". Foi assim que ele disse. Bom, na verdade ele escreveu, em uma carta escrita com uma caligrafia horrorosa.

AURORA: O cara é um idiota.

BRANCA: Tóxico, é o que ele é.

AURORA: Temos que tirar o pó das prateleiras, colocar novas estantes e voltar a conseguir livros.

BRANCA: Vai ser a livraria mais bonita do mundo.

AURORA: Sim. Mas vai dar muito trabalho.

BRANCA: É, mas nós duas somos bem persistentes.

AURORA: Sim. Nós vamos conseguir.

BRANCA: Claro que sim. Claro que sim.

AURORA: Vamos? Tá frio.

BRANCA: Estou orgulhosa de você, amiga.

AURORA: Por que você está orgulhosa de mim? Ainda não fiz nada.

BRANCA: Ah não, mas estou orgulhosa de você porque você é minha amiga.

AURORA: Eu também estou orgulhosa de você, Branquinha.

BRANCA: Pronto. Já sei o que é. A amizade, nós duas. Já sei qual a lição.

AURORA: E qual a lição, Branca?

BRANCA: Não, não, eu sei lá.

18.

Qual é o mistério? Por que a cor do céu muda? O que é a normalidade? Nos ensinam que o céu é azul. Parece que há coisas que são assim porque são e pronto. Mas não. A cor do céu se deve à interação da luz solar com a atmosfera. A força fica sempre impune. O céu de Ushuaia amanheceu rosa. Um rosa como o branco misturado com vermelho, rosa como um peixe rosado, rosa como a fantasia, um rosa como nada mais. E como explicar esse estranho zênite rosa de Ushuaia? A ciência ofereceu uma explicação, que também era uma ameaça. A razão, seriam dois Asteroides que colidiriam com o planeta Terra, mais precisamente contra a cidade de Ushuaia. O evento fatal ocorreria nas próximas 48 horas. A agência afirmou que não se pode afirmar com exatidão a trajetória dos Asteroides, e que há chances da colisão não acontecer, dada a rota peculiar que os estranhos visitantes estariam realizando. Os eventos mais assombrosos, nunca têm uma explicação precisa. Esses asteroides, seguindo a tradição, foram batizados com nomes alusivos à mitologia grega. Foram nomeados como os asteroides Filomela e Procne.

19.

BRANCA: Têm vinte gansos na casa comendo trigo embebido em água e eu olho para eles, não há mais ninguém, estou sozinha na minha casa com os gansos e de repente uma águia aparece e começa a quebrar o pescoço de todos os gansos, entende; uma águia psicopata. Então a águia olha para mim e me diz: Vai, coragem, isso não é um sonho, filha, você entende, a águia fala; e aí aparece você.

AURORA: E o que eu fiz?

BRANCA: Não, não sei. Aí eu acordei

AURORA: Bom, você vai preparar o bolo do João Manuel.

BRANCA: Claro. Amanhã eu compro tudo. Quero escrever algo em cima do bolo.

AURORA: O que você quer escrever?

BRANCA: Quero escrever: João Manuel.

AURORA: Achei que fosse escrever outra coisa.

BRANCA: Não. João Manuel. E cinco velinhas.

AURORA: Tá bom.

BRANCA: E também quero fazer outro bolo para comemorar a edição da sua Antologia de Poetisas Patagônicas.

AURORA: E você vai escrever algo nesse bolo?

BRANCA: Sim. Vou escrever: Poesia.

AURORA: Coloque muito doce de leite no meu bolo.

BRANCA: O que o sonho significa para você? O sonho que te contei.

AURORA: Para mim, seu sonho tem alguma coisa a ver com a morte.

BRANCA: Com a morte?

AURORA: É. Não sei. Eu não sei nada sobre sonhos. Nunca os entendo, ou os entendo mal.

BRANCA: Eu geralmente invento qualquer coisa.

AURORA: O que você diria nesse caso, por exemplo?

BRANCA: Eu diria que é sobre a morte.

AURORA: Mas eu já disse isso.

BRANCA: Você sabe o que eu diria sobre o sonho, Aurora? A vida vai avançando, não é, e as pessoas vão morrendo e isso é muito triste. Mas a gente continua vivendo com os mortos dentro de nós. E a gente fala com os mortos. Oi, mamãe, olha isso. Aqui o pai de Aurora teria dito outra coisa. Todos nós vamos morrer. Aurora. Com todas as minhas mortes, eu me entrego à morte. Vamos morrer, o vento está aumentando.

AURORA: Deveríamos substituir a palavra morte pela palavra poesia.

20.

Havia um silêncio assustador. Sentia-se no ar que algo estava para acontecer. Mas dizer "algo" não era justo. Não estava para acontecer "algo". "Algo" é um pronome indefinido neutro. "Algo" designa uma realidade indeterminada. "Algo" não se aplica bem neste caso. Porque não ia acontecer algo, ia acontecer O Fim do Mundo. O pior foi confirmado: asteroides irão destruir a humanidade. Filomela e Procne têm um diâmetro de milhares de quilômetros cada, e vão expandindo-se à medida que se aproximam da Terra. As pessoas fogem de Ushuaia, desesperadas. Mas não há para onde fugir. O mundo é tudo o que existe. Não resta nada. Só resta rezar. E Aurora e Branca não vão rezar.

21.

AURORA: Como vai ser o dia da sua morte? Haverá sol? Vai chover? Como será esse último dia? Esse dia definitivo? Será na sua casa ou em um hospital? Será sozinha ou acompanhada? Com quem você quer morrer? Você quer que te vejam morrer? Ou seria melhor que já te encontrassem morta? Em que você vai pensar naquele segundo final? Em quem?

22.

Vamos supor que um país, a Argentina por exemplo, fosse um país inventado. Que todo um sistema de livros criou isso que chamamos de Argentina. O que seria, então, o fim do mundo em um país inventado por livros? Seria uma metáfora, um passo a mais, uma operação que esta ficção chamada de "Argentina" faz sobre "o real", que seria o resto do mundo. Mas não. Argentina era real, tão real quanto o resto do mundo, ou talvez mais. Então agora é noite. Aurora e Branca decidiram ir se trancar na livraria. Não poderiam pensar em outro lugar para ir. João Manuel dorme. O cachorro Ulisses dorme. Aurora e Branca estão sentadas. Uma ao lado da outra. Em silêncio. Só as duas. Lendo. Sob a luz de uma vela. Sua austeridade contrasta com a exuberância do céu: duas bolas laranjas, ou douradas, movem-se pelo céu, como numa coreografia inesgotável. Aurora e Branca, impassíveis, seguem o fio de sua leitura. Não há nada pior do que ser interrompida quando se está lendo, por mais que se trate do Fim do Mundo. E então, de repente, as duas manchas laranjas vão indo rápidas, furiosas, lindas sobre Ushuaia. São como dois raios fantásticos, como dois jovens louros, como duas abelhas. Voam raivosos, delirantes, incríveis. Estranhamente, viajam determinados, diretamente em direção a livraria. O fenômeno visual é maravilhoso. Antes de colidir contra o pequeno local, ostentosos, os dois asteroides mudam de cor. Como se não soubessem o que mais fazer para chamar a atenção. São azuis, vermelhos, dourados, com o rosto de um herói, de uma fruta, de um labirinto, com a forma da Argentina, de um tigre, dourados outra vez. É o oposto de um big-bang. São dois vaidosos idiotas amarelos colidindo eternamente em uma pequena livraria. Mas não existe acaso. Branca e Aurora continuam lendo. E nesse preciso instante, o Fim do Mundo acontece.

MARIANO TENCONI BLANCO

19 de fevereiro de 2015 - 31 de outubro de 2015

2ª versão: setembro de 2016

3ª versão: janeiro de 2017

4ª. versão: março de 2018

5ª. versão: junho a julho de 2018

***NOTAS DA TRADUÇÃO**

01- O nome da personagem Blanca Fierro foi traduzido para Branca Fierro para manter o jogo do nome que é também o nome da cor em ambos os idiomas.

02- O nome da personagem Juan Carlos foi traduzido para João Carlos por existir esse nome em português e para facilitar a pronúncia e conseqüentemente a fluência do texto falado.

03- As falas de Klaus muitas vezes têm erros de escrita ou concordância, isso acontece no original para salientar o fato dele ser um estrangeiro, e foi mantido assim na tradução.

04 – O poema que aparece no diário de Aurora no dia 05 de setembro (pg. 25) é uma citação de um trecho do poema *Lagrimas de un mono*, de Francisco Madariaga.

05 – O poema *Amor* (pg.26) faz menção ou brinca com o poema *LA VIA LACTEA*, de Alfonsina Storni.